

# “Camelódromo” já tem adesão de ambulantes

Se dependesse da vontade dos camelôs da área entre o Conic e o Setor Comercial Sul, a proposta do candidato Esaú de Carvalho (PFL) de criar um “camelódromo” — a exemplo do que fez no Rio de Janeiro o governador Leonel Brizola — estaria aceita. Isto porque a praça para os camelôs ficaria exatamente naquele local, e os ambulantes já existentes não precisariam ser deslocar. A idéia do candidato é fixar os camelôs do Plano Piloto em duas áreas: o espaço livre entre o Conic e SCS e a torre de televisão.

Julimar Vital de Sousa, que vende sombrinhas e meias, expostas sobre uma precária barraquinha, teve problemas com a fiscalização na semana passada: o “rapa” levou sua mercadoria e ele teve que pagar Cz\$ 350,00 de multa para reavê-la. Isso porque Julimar estava vendendo suas sombrinhas e meias no calçadão junto ao Conic — uma área proibida. Ontem, já no local liberado (um pouco acima de onde estava anteriormente), Julimar considerou uma “ótima idéia” a proposta do candidato do PFL, mas não acredita que ela chegue a se concretizar.

— Isso já devia ter sido feito. Isto aqui é uma área vazia, não é uma praça nem nada. Só não vem mais gente comprar de nós porque há pouca variedade de mercadoria”, afirma Ricardo Dantas, um desempregado que “vende de vez em quando” uns radinhos estereo tipo **headphone** na área apon-

tada por Esaú. Ricardo teme que depois das eleições os camelôs sejam expulsos do local.

Porém, o projeto de Esaú já encontra resistência quando se trata de ambulantes que fazem “ponto” em outro local. Ida Alves, por exemplo, que vende roupas próximo às Lojas Americanas, há mais de um ano, diz que não gostaria de sair de onde está, pois lá vende bem. José Alves, camelô há 23 anos, com sua barraquinha localizada próxima à de Ida, apóia a idéia de Esaú, mas não crê que ela possa ser efetivada devido ao grande número de ambulantes do Plano.

— Eu cheguei aqui em 1963, fui dos primeiros a me inscrever para ser camelô. Naquele tempo só tinha seis em Brasília, mas hoje tem mais de duas mil barraquinhas. Onde é que vai ficar essa gente toda? Para colocar todo mundo junto, só se fosse numa área muito grande, que não tem aqui no Plano Piloto. Se levar a gente para fora, onde é que vamos achar fregueses para comprar? ninguém vai querer ir. Esse problema é sério, não é assim que se resolve. É impossível acabar com os ambulantes”, afirma José Alves.

No comércio também — o setor mais prejudicado pela ação dos camelôs, pois eles não pagam ICM — as opiniões se dividem. Luis Cavalcante, gerente da lanchonete Lan-

chão, próxima às Lojas Americanas, diz que deixaria as coisas como estão. Para ele, os camelôs até atraem clientes, e como o comércio onde autá — os lanches — não tem concorrência ele não tem do que reclamar. “Nós temos uma freguesia tão grande que mal podemos atendê-la. Os camelôs vendem produtos que não são vendidos nas lojas daqui. E até bom porque o pessoal vem atrás deles e acaba comendo no Lanchão”, diz.

Já o gerente de uma grande loja de departamentos do Setor Comercial Sul diz que não tem nada contra a forma de trabalho dos ambulantes, mas ficaria feliz se eles fossem transferidos para longe de sua loja. Isto porque os camelôs “roubam” os clientes, pois suas mercadorias são bem mais baratas — 17 por cento a menos só de ICM, além de serem comprada diretamente das fábricas. Porém, reconhece que a transferência não resolveria o problema, pois seriam prejudicados os comerciantes que ficassem próximos ao “camelódromo”.

Almir Gomes, vice-presidente da Associação Comercial do Distrito Federal — ACDF — acha que a proposta de Almir teria que ser mais bem estudada. Quanto a sugestão do candidato do PFL de transformar as pistas de rolamento do SCS em calçadões para o trânsito de pedestres, Almir só questiona onde ficaria o estacionamento dos carros.